O DESEJO EM REDE NA ERA DO NEOLIBERALISMO DIGITAL

Mariana Toesca Araujo
Mariana Silva Couto
Diego Ribeiro Morais
Orientador: Emiliano Bortolone Lopes

RESUMO: O presente artigo trata-se de uma revisão bibliográfica e propõe uma reflexão sobre a forma como o neoliberalismo, enquanto racionalidade política e modo de vida, influencia a constituição subjetiva e o sofrimento psíquico contemporâneo. A partir de referenciais da psicanálise freudiana e lacaniana, bem como das contribuições de autores como Safatle, Dardot e Laval, analisa-se como a lógica neoliberal promove a individualização, a competição e a transformação do sujeito em "empresa de si mesmo". Discute-se ainda o papel das redes sociais na intensificação desse processo, ao reconfigurarem as formas de interação e ao capturarem o desejo por meio de imagens e ideais de sucesso. Tal dinâmica produz um novo tipo de mal-estar, marcado pela alienação do desejo e pela culpabilização individual diante do fracasso, o que contribui para o aumento de quadros depressivos e para a naturalização de uma lógica de desempenho e autocontrole. Assim, evidencia-se que o neoliberalismo não apenas molda as práticas econômicas, mas também se infiltra na vida psíquica, atingindo os afetos, os laços sociais e as formas de subjetivação.
PALAVRAS-CHAVE: Alienação; Desejo; Neoliberalismo; Psicanálise; Subjetividade.

DESIRE IN NETWORKS IN THE ERA OF DIGITAL NEOLIBERALISM

ABSTRACT: This article presents a literature review that examines how neoliberalism, as a political rationality and a mode of life, impacts the ways in which subjectivity is experienced and expressed, as well as contemporary psychological distress. Drawing on Freudian and Lacanian psychoanalytic frameworks, as well as on contributions from authors such as Safatle, Dardot, and Laval, it analyzes how neoliberal logic promotes individualization, competition, and the transformation of the subject into an "enterprise of the self." It also discusses the role of social networks in intensifying this process by reshaping forms of interaction and capturing desire through images and ideals of success. Such dynamics produce a new form of malaise, marked by the alienation of desire and the individual's self-blame in the face of failure, contributing to the rise of depressive conditions and to the normalization of a logic of performance and self-control. Thus, it becomes evident that neoliberalism not only shapes economic practices but also infiltrates psychic life, operating on affects, social bonds, and modes of subjectivation.
KEYWORDS: Alienation; Desire; Neoliberalism; Psychoanalysis; Subjectivity.

EL DESEO EN RED EN LA ERA DEL NEOLIBERALISMO DIGITAL

RESUMEN: El presente artículo consiste en una revisión bibliográfica y propone una reflexión sobre la forma en que el neoliberalismo, en tanto racionalidad política y modo de vida, influye en la constitución subjetiva y en el sufrimiento psíquico contemporáneo. A partir de referentes del psicoanálisis freudiano y lacaniano, así como de las contribuciones de autores como Safatle, Dardot y Laval, se analiza cómo la lógica neoliberal promueve la individualización, la competencia y la transformación del sujeto en "empresa de sí mismo". Se discute también el papel de las redes sociales en la intensificación de este proceso, al reconfigurar las formas de interacción y al capturar el deseo a través de imágenes e ideales de éxito. Esta dinámica produce un nuevo tipo de malestar, marcado por la alienación del deseo y por la culpabilización individual frente al fracaso, lo que contribuye al aumento de cuadros depresivos y a la naturalización de una lógica de rendimiento y autocontrol. Así, se evidencia que el neoliberalismo no solo moldea las prácticas económicas, sino que también se infiltra en la vida psíquica, afectando los afectos, los lazos sociales y las formas de subjetivación.
PALABRAS CLAVE: Alienación; Deseo; Neoliberalismo; Psicoanálisis; Subjetividad.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre subjetividade, sociedade e economia tem se mostrado um campo fértil para compreender os modos de sofrimento contemporâneos. Segundo Harvey (2008), o neoliberalismo pode ser compreendido como uma abordagem político-econômico que sustenta que a promoção do bem estar humano ocorre por meio da ampliação das liberdades individuais, especialmente no âmbito econômico, em um contexto marcado pela valorização da propriedade privada, da livre atuação dos mercados e do comércio sem restrições.

Se cada época produz os seus próprios sintomas, como afirma Freud em *O Mal-estar na Civilização* (1930), faz-se essencial, na contemporaneidade, refletir sobre como o neoliberalismo, para além de um modelo econômico, se institui como forma de vida e reorganiza a experiência subjetiva, as relações sociais e a própria percepção da liberdade. Diante desse contexto, emergem novas formas de mal-estar que se expressam tanto no plano individual, através de sintomas psíquicos, quanto no plano coletivo, entre os processos de despolitização e de intensificação do individualismo.

O neoliberalismo não apenas regula práticas econômicas, mas opera como uma forma de governo das condutas, produzindo sujeitos orientados pela lógica da performance, da competitividade e da autogestão. Esse processo vai além da esfera

econômica, atravessando o cotidiano e modificando a forma com que as pessoas se percebem e se relacionam.

As redes sociais intensificam e radicalizam essas dinâmicas, instaurando um ambiente marcado pela exposição constante, pela comparação e pela circulação massiva de imagens e ideais de sucesso. O desejo passa a ser continuamente mobilizado, capturado e redirecionado por lógicas algorítmicas e mercadológicas, produzindo novas formas de alienação e sofrimento psíquico.

Dessa forma, o neoliberalismo se mostra não apenas como um sistema econômico, mas como um modelo que governa corpos, mentes e afetos, intensificando tanto os desejos quanto os sofrimentos.

2. INCIDÊNCIAS DO NEOLIBERALISMO SOBRE A SUBJETIVIDADE

Em seu texto *O Mal-estar na Civilização* (1930), Sigmund Freud sustenta que cada período histórico engendra seus próprios sintomas. Nesse sentido, o neoliberalismo ocupa uma posição fundamental na configuração da vida social, influenciando tanto os modos de sofrimento quanto a circulação e o reconhecimento de afetos, produzindo um novo tipo de mal-estar, específico do nosso tempo, que se manifesta nos sofrimentos individuais tanto quanto na forma em que a sociedade reconhece esse sofrimento.

O neoliberalismo não é apenas um modelo econômico, mas também uma forma de vida que atinge todas as áreas da sociedade. A forma de vida da lógica neoliberal, de acordo com Safatle (2021), articula sobre a moral, a ciência, a política, a educação e a religião, promovendo a individualização baseada no modelo da empresa. O sujeito é submetido a uma narrativa e um olhar que o conduz a ser a empresa de si mesmo, tornando-se o modelo central da subjetividade.

Como afirma Andrade (2025), o modo de produção neoliberal transforma a empresa em um modelo de subjetividade que orienta os indivíduos a agir segundo a competição e a busca constante por eficiência e resultados. Diante disso, o foco da análise neoliberal passa a ser a constituição e a valorização do chamado capital humano, entendido como um conjunto de competências e habilidades do indivíduo, ampliando a influência dessa lógica para diferentes esferas da vida social.

Para que este fenômeno seja possível, Safatle (2021) afirma que um processo longo e intenso de despolitização é necessário, e consequentemente, realizado nos dias atuais. Para tal, é preciso uma longa reeducação e que o Estado intervenha em todas as

instâncias, sindicatos, associações e instituições que exerçam, em uma de suas funções, a de questionar a noção neoliberal de liberdade a partir da consciência da natureza fundadora da luta de classes. É preciso retirar do sujeito a ideia de ser um portador e mobilizador de conflitos estruturais e substituí-lo por uma visão de si mais compatível com o individualismo e performance.

Michel Foucault (2008), descreve o neoliberalismo como uma nova forma de governamentalidade, uma maneira de conduzir a conduta dos homens. Para o autor, o neoliberalismo transforma a economia em princípio de regulações de todas as esferas da existência. A liberdade nesse contexto é uma tecnologia de governo onde os indivíduos acreditam agir livremente, mas estão permanentemente integrados a mecanismos de controle e normalização.

Essa governamentalidade se realiza pela difusão da lógica empresarial no campo da vida cotidiana, como afirma o autor:

> "Se utilizo a palavra "liberal", é, primeiramente, porque essa prática governamental que está se estabelecendo não se contenta em respeitar esta ou aquela liberdade, garantir esta ou aquela liberdade. Mais profundamente, ela é consumidora de liberdade. É consumidora de liberdade na medida em que só pode funcionar se existe efetivamente certo número de liberdades: liberdade do mercado, liberdade do vendedor e do comprador, livre exercício do direito de propriedade, liberdade de discussão, eventualmente liberdade de expressão, etc. A nova razão governamental necessita portanto de liberdade, a nova arte governamental consome liberdade. Consome liberdade, ou seja, é obrigada a produzi-la. É obrigada a produzi-la, e obrigada a organizá-la" (Michel Foucault, 2008, p. 86).

Cada sujeito é incitado a gerir-se como um empreendimento, investindo em sua formação, imagem e em relações sociais como se fossem ativos financeiros. O sucesso pessoal se converte em índice moral e em critério de valor, o que desmobiliza a solidariedade e enfraquece o sentido de coletividade. Como afirma Lazzarato (2014), o neoliberalismo institui o "homem endividado", uma figura marcada pela culpa e pela sensação de insuficiência, produto da internalização das exigências de produtividade e competitividade.

3. REDES SOCIAIS E RECONFIGURAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS

De acordo com Haidt (2024) as principais características básicas de comunicação e interação social desde os primórdios do homo-sapiens são: corporificação, ou seja, os momentos de interação humana são marcados por gestos corporais onde os sujeitos presentes no momento se comunicam não apenas com a fala

mas também com todo o corpo; sincronicidade, que significa que as interações acontecem ao mesmo tempo; comunicação um para um ou um para alguns, onde existe um número pequeno de integrantes se comparado às redes sociais, além das comunidades exigirem custo de entrada e saída o que motiva os integrantes a se dedicarem aos relacionamentos e reatarem possíveis rompimentos dos laços.

As dinâmicas de interação dos usuários nas redes sociais seguem o completo oposto de todas as características fundamentais apresentadas acima, criando sujeitos menos empáticos, mais individualistas, e principalmente mais compulsivos e viciados nas telas.

De acordo com o Relatório Global de Visão Geral do Digital de 2023 da empresa DataReportal, em uma pesquisa com 45 países, chegou a conclusão de que o Brasil é o segundo país do mundo no que diz respeito a tempo de tela. São aproximadamente 9 horas do dia em uso de tela, considerando que de acordo com Coltri (2020), estamos acordados em média 17,6 horas, são 51,14% do tempo acordado dos brasileiros em frente a telas e na maior parte do tempo em redes sociais.

Por consequência das alterações nas relações interpessoais, há uma imensa alteração do *modus operandi* do sujeito e do que se entende coletivamente como desejável. É possível observar na sociedade contemporânea o surgimento de novos fenômenos sociais, bem como a intensificação daqueles já existentes, como é o caso da morte social. Este fenômeno se caracteriza como um processo de exclusão e abandono que ocorre ainda em vida, marcado pela perda de identidade, pelo rompimento das conexões sociais e pela diminuição da relevância do indivíduo perante a sociedade.

Nesse contexto, Haidt (2024) associa o uso das redes sociais ao medo iminente deste fenômeno. Segundo essa perspectiva, os indivíduos estão tão intrinsecamente ligados a essas plataformas que não estar presente nelas equivale simbolicamente a não estar na sociedade. Esse medo é experimentado principalmente pelos jovens, mas também pode ser observado de forma significativa em outros além dos nascidos após 2010.

No livro *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*, Zygmunt Bauman (2011) analisa as transformações das relações humanas na era digital e compara as salas de bate-papo e outros meios virtuais de comunicação a novas e poderosas drogas. Essa dependência se manifesta de forma tão intensa que, quando os jovens não conseguem acessar a internet e se conectar com o mundo virtual, podem acabar apresentando

sintomas semelhantes aos de abstinência, como angústia, ansiedade, isolamento e solidão.

Bauman (2011) destaca que essa reação é especialmente marcante entre as gerações que nasceram e cresceram em um ambiente completamente interligado por cabos, fios ou conexões sem fio, no qual estar conectado deixou de ser um privilégio e passou a ser uma necessidade cotidiana. Para essas pessoas, a ideia de ficar desconectado ou sozinho é quase insuportável, pois, como já apresentado, o contato virtual se tornou parte essencial da experiência de pertencimento e interação social.

Diante disso, os aparelhos eletrônicos e as redes digitais não criaram essa necessidade de comunicação e companhia; eles apenas vieram responder a um desejo humano profundo por vínculo, reconhecimento e presença do outro. Algo que sempre existiu, mas que, na modernidade líquida, assume novas formas e intensidades. Como afirmam Coombe e Curtiss (2020), somente dois tipos de indústrias se referem aos seus clientes como "usuários": a de entorpecentes e a de tecnologia.

4. A CAPTURA DO DESEJO NO NEOLIBERALISMO DIGITAL

Em *Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Freud apresenta a noção de objeto como central para a constituição do sujeito, indicando que o desejo não se orienta por uma satisfação plena, mas por uma dinâmica marcada pela falta. Dessa forma, o objeto é aquilo que provoca o sujeito e o mantém em estado de incompletude, nunca realmente satisfeito, mantendo o sujeito em movimento e exigindo um trabalho psíquico contínuo para lidar com a falta e a contingência que marcam suas relações.

Lacan (1975), amplia essa concepção ao introduzir o conceito de objeto *a*, entendido não como um objeto empírico, mas como causa do desejo. O objeto *a* funciona como um motor, é a causa da própria estrutura do desejo e está vinculado a uma falta estrutural no sujeito que se manifesta no processo analítico e atua como força propulsora do desejo.

O entendimento do objeto *a* como causa do desejo e não como objeto plenamente existente auxilia na compreensão de como o neoliberalismo se articula com as redes sociais para capturar e alienar o sujeito. Se, na teoria psicanalítica, o desejo se sustenta na impossibilidade de sua plena satisfação, o neoliberalismo opera precisamente ao se apropriar dessa estrutura, onde oferece uma multiplicidade de objetos que prometem preencher essa falta. De acordo com Jorge (2022):

> “[...] o objeto a tem várias aparências imaginárias - grafadas por Lacan como i(a), ou seja, imagens de a -, que podem ser construídas para cada sujeito por intermédio do simbólico, dos significantes do Outro referentes às inserções históricas singulares de cada um” (p. 186).

No contexto das redes sociais, o objeto *a* se disfarça nas imagens, produtos e estilos de vida que circulam incessantemente. São aparências imaginárias que se apresentam como respostas às faltas, mas não as satisfazem. Diante disso, o que se produz é uma economia do desejo voltada para o consumo, então o sujeito se move não pelo encontro com o objeto, mas sim pela constante atualização das promessas de satisfação veiculadas pelos algoritmos e lógicas de mercado.

Quando falamos da imposição do desejo, estamos precisamente nos referindo a forma, mesmo que inconscientemente, que somos condicionados a querer algo, os sujeitos não iriam ansiar pelas coisas tão intensamente sem algum impulso, algo que pudesse os conduzir até o destino, uma expressão da manipulação social que, de tão bem articulada, se confunde com a autenticidade do querer individual. Uma falsa crença de escolha própria que se esconde atrás de um sistema que os mantém ocupados o suficiente para continuarem produzindo sem questionar.

O sujeito não é totalmente excluído deste processo, pelo contrário, ele é impulsionado pela busca incessante por aquilo que lhe promete trazer felicidade, bem-estar, lazer, e até mesmo luxúria. Como observam Dardot e Laval, "Trata-se agora de governar um ser cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra" (Dardot; Laval, 2016, p. 327).

Conforme destacam Carvalho e Irineu (2025), as redes sociais tratam-se de um espaço amplamente desregulado pelo neoliberalismo, onde a ideia de liberdade digital convive com a fragilidade da privacidade e a ausência de controle sobre o conteúdo que circula. Nesse contexto, ganha destaque a responsabilidade dos influenciadores em relação ao público que os acompanha. Um exemplo marcante no Brasil é a promoção e divulgação de jogos de aposta por criadores de conteúdo, prática que evidencia o que é chamado de “imposição do desejo”. Essas ações mostram, de forma concreta, como o sujeito é conduzido a determinadas escolhas por meio da influência exercida por pessoas e plataformas digitais através do desejo, estas escolhas que, embora apresentadas como livres, são profundamente moldadas por estratégias de persuasão e consumo.

O desejo é essencial para compreender as dinâmicas subjetivas que surgem nesse cenário neoliberal e digital, ele nunca se satisfaz por completo. Na era das redes sociais, essa falta é constantemente explorada pelo mercado e pelas lógicas neoliberais, que transformam o desejo em mercadoria. O sujeito, atravessado por discursos de sucesso, visibilidade e produtividade, passa a se relacionar com o outro e consigo mesmo a partir do imperativo de “ser desejável” e “ser visto”.

No ambiente digital essa lógica se intensifica. O clique, a curtida e o compartilhamento tornam-se pequenas doses de satisfação imediata que alimentam um ciclo contínuo de busca pelo desejo fadado à frustração, onde o sujeito contemporâneo transforma sua vida em produto e seu corpo em vitrine, alienando-se de si mesmo e do próprio desejo. A exposição constante nas redes torna-se, assim, uma tentativa de preencher simbolicamente um vazio, uma procura por um reconhecimento que, ao mesmo tempo, jamais se encerra.

O desejo se materializa na forma do chamado influenciador digital, ele não apenas deseja ser reconhecido mas também se torna o veículo e impulso do desejo do outro, ocupando um lugar imaginário de totalidade, alguém que “alcançou” o que o outro ainda busca. Quando promove produtos, estilos de vida e comportamentos, o influenciador não apenas vende um objeto, mas oferece uma promessa de satisfação, um ideal de eu que lidera o desejo de seus seguidores. É nesse ponto que o neoliberalismo e a psicanálise se encontram: ambos mostram que o sujeito de hoje é levado a desejar o tempo todo, mas nunca alcança a satisfação completa que lhe é prometida.

5. PERFORMANCE, VISIBILIDADE E SOFRIMENTO PSÍQUICO

As redes sociais desempenham um papel fundamental no incentivo às ambições na sociedade em que vivemos, instaurando dinâmicas marcadas pela exposição constante, pela comparação e pela busca por reconhecimento. Nesses espaços, a experiência social passa a ser mediada por métricas de visibilidade como curtidas, comentários e compartilhamentos, que funcionam com índice de valor simbólico.

Nesse cenário, a interação deixa de se orientar prioritariamente pelo vínculo e passa a se estruturar pela performance. Estamos todos conectados e aquilo que vemos na vida de influenciadores é a performance de um espetáculo. Por esses meios só nos é mostrado aquilo que se quer expor, criando a ilusão de "vida perfeita" e transmitindo a

ideia de que é possível chegar a tais patamares apenas com o "esforço" de trabalho comum e força de vontade.

Como bem nos assegura Dardot e Laval (2016), essa lógica de convencimento baseada no ideal do que seria a vida perfeita, revela que os sujeitos não se submetem voluntariamente à modelos sociais impostos, mas seriam moldados por mecanismos sutis de controle e normalização exercidos pelas instituições sobre a educação da mente e dos corpos.

É dessa forma que ocorre um autocentramento dos sujeitos e a ruptura de uma coletiva emocional, espaços tornam-se campo de competição e rivalidade, descartando a coletividade e exaltando a solidão em prol do sucesso individualista. Afinal, passar por cima de outros sujeitos assegura a vitória e a conquista daquilo que se almeja, tornando-se comum que os indivíduos se isolem uns dos outros.

Assim, nasce também a culpabilização pelo fracasso, quando não se é capaz de alcançar aquilo que anseia, apoiando-se na idealização da vida virtual e no discurso meritocrático, o desejo recai no campo da frustração e da lamentação, tornando a depressão mais propensa a emergir.

Como afirmam Safatle, Silva Junior e Dunker (2021, p. 209), ‘'O depressivo é aquele que fracassa e por outro lado tem um sucesso demasiado em se tornar um empreendedor de si mesmo.’’ Nesse sentido, o agravamento da depressão entre os indivíduos surge como materialização da necessidade de se libertar do controle que as grandes operações exercem sobre os trabalhadores comuns.

O sofrimento psíquico por não ser interiorizado e compreendido em forma de conflito, acaba se manifestando de forma silenciosa, enquanto esses trabalhadores são sobrecarregados pelas longas jornadas de trabalho, mantendo-se firmes em seus propósitos, motivados tanto pelo desejo de autorrealização, quanto pela urgência de obter validação externa sobre o próprio valor. Essa valorização pessoal, muitas vezes é medida especialmente a partir de desempenhos e resultados empresariais que, no fim, representam apenas números para aqueles que operam poder sobre a maioria. Esse sistema impõe uma auto-pressão constante que molda a forma como cada indivíduo se percebe dentro desses espaços.

Surge então uma compulsão pela auto-avaliação e julgamento comparativo, que consome a energia psíquica do sujeito e contribui diretamente para o desenvolvimento de experiências depressivas, tais experiências que mantém o indivíduo preso a um ciclo

de produtividade desviante e de culpabilização do próprio eu. (Safatle, Júnior, Dunker, p. 194).

É perceptível que para a atual geração, a mercantilização do sujeito tornou-se uma nova forma de profissionalização, baseada na total exposição de si mesmo e no espetáculo da própria vida. Estes são conhecidos como influenciadores digitais, *youtubers*, *tiktokers* e criadores de conteúdo em geral que se utilizam dos meios de comunicação para se conectar com o público e alcançar o maior número possível de pessoas, transformando suas performances e vivências em lucro. Mais do que uma forma de empreendedorismo, isso se torna um novo modo de ser, que nasce das práticas das redes e da cultura digital.

O neoliberalismo, nesse cenário, passa a propor um modelo de sujeito que não é mais moldado apenas pelas regras e obediência típicas das antigas sociedades industriais, mas que é estimulado a agir como alguém autônomo, competitivo e responsável pelo próprio sucesso. Como explica Rose (2011), às políticas neoliberais reduzem a presença do Estado e enfraquecem as estruturas sociais, fazendo com que cada pessoa tenha que construir o seu próprio "capital", seja ele social, profissional ou emocional.

Esse processo acaba gerando uma sobrecarga tanto para quem consome quanto para quem produz conteúdo. A necessidade de mostrar tudo aquilo que se faz nas redes vira uma questão de urgência, uma razão para existir. Publicar passa a ser um hábito diário e uma forma de legitimar as próprias experiências subjetivas, uma espécie de capitalização da vida. Muitos criadores de conteúdo, acabam sendo vistos como figuras inspiradoras, quase heróicas, que motivam e influenciam o comportamento de quem está do outro lado da tela em busca de reconhecimento, pertencimento e sucesso.

6. DESEJO, ALIENAÇÃO E CONSUMO

Nesse processo, Lacan (1966/2006) descreve a alienação como o processo pelo qual o sujeito se constitui no campo do Outro, submetendo-se aos significantes que o precedem. O desejo então é estruturado no campo do Outro, sendo o tesouro do significante. Segundo o autor, o Grande Outro não se refere a uma pessoa específica, mas à instância simbólica que representa valores, discursos e expectativas sociais que orientam o sujeito, indicando o que deve ser desejado, reconhecido e valorizado.

Na lógica neoliberal, essa dinâmica é atravessada por novas formas de mediação. Ao se infiltrar no cotidiano digital, o neoliberalismo não apenas explora o desejo, mas o aliena. O campo do Outro passa a ser fortemente ocupado pelas redes digitais, pelas corporações e pelos algoritmos, que oferecem modelos prontos de identidade, sucesso e reconhecimento, influenciando diretamente na forma em que o sujeito deseja e se percebe.

Ao transformar o desejo em consumo e visibilidade, o neoliberalismo faz com que o sujeito abra mão do que seria a expressão da sua própria verdade, alienando-se em métricas, curtidas e tendências. Isso produz um movimento no qual a própria estrutura do desejo é desviada para funcionar como engrenagem da máquina capitalista.

O sujeito acredita estar exercendo sua liberdade de desejar, quando na verdade está obedecendo às exigências do mercado e da cultura da performance. Conforme afirma-se:

> "Hoje, acreditamos que não somos sujeitos submissos, mas projetos livres, que se esboçam e se reinventam incessantemente. A passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade. E esse mesmo projeto já não se mostra tanto como uma figura de coerção, mas sim como uma forma mais eficiente de subjetivação e sujeição. O "eu" como projeto, que acreditava ter se libertado das coerções externas e das restrições impostas por outros, submete-se agora a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização" (Byung-Chul Han, p. 9. 2018).

Essa "autoexploração", como define Han (2018), é a marca da subjetividade neoliberal. O indivíduo não é mais oprimido por um outro externo, mas por sua própria interiorização da norma de desempenho. Ele se cobra, se compara, se vigia e se esgota, acreditando agir em nome da liberdade. Essa forma de dominação é mais eficiente justamente por se apoiar na sensação de autonomia. Trata-se, portanto, de uma servidão voluntária.

Freud (1930) indicava que o processo da construção da subjetividade envolve uma renúncia pulsional, ou seja, o sujeito deve conter suas pulsões e parte de seus desejos para viver em sociedade. O neoliberalismo afeta esse processo, em vez de reprimir o desejo, ele o explora, transformando-o em força produtiva e em motor da economia psíquica e social. O sujeito é incentivado a desejar mais, mais consumo, mais sucesso, mais prazer, mas sempre dentro dos limites impostos pelo mercado. Assim, o desejo perde seu caráter singular e passa a obedecer a lógica da mercadoria.

Žižek (2011), faz uma análise sobre a cultura pós moderna partindo da leitura do conceito lacaniano de significante-mestre (S_1). O significante-mestre é o que estrutura a

cadeia simbólica e confere ao sujeito uma posição dentro da linguagem e do laço social. O significante-mestre pode ser entendido como um termo ou uma ideia central que organiza os sentidos dentro de uma sociedade, funcionando como um ponto de referência que orienta a forma como os indivíduos pensam, se posicionam e se relacionam.

Na modernidade, a existência de significantes-mestres como "Deus", "Pátria", "Rei", "Progresso", oferecem uma referência simbólica central, permitindo a articulação dos desejos e dos discursos em torno de um eixo comum. Contudo, para Žižek (2011), o mundo pós-moderno caracteriza-se justamente por dispensar essa função unificadora do significante-mestre, promovendo a fragmentação e dispersão do sentido.

O autor indica que na ausência do significante-mestre que organize o campo simbólico, o sujeito se vê diretamente confrontado com um mundo onde todos os significantes se equivalem e nenhum ocupa a posição de S_1. A consequência desse processo, porém, não é a libertação do desejo, mas a sua exposição direta ao imperativo do gozo:

> "Essa suspensão do Significante-Mestre deixa, como única agência de interpelação ideológica, o abismo "inominável" da jouissance: a principal injunção a regular nossa vida na "pós-modernidade" é "Goze!" – perceba seu potencial, goze de todas as maneiras, dos prazeres sexuais intensos ao sucesso social e à autorrealização espiritual." (Žižek, 2011, p. 55).

Lacan (1960/1988), já havia indicado que o supereu moderno não apenas proíbe, mas também ordena: "Goza!". Em outras palavras, o supereu é a instância psíquica que impõe ao sujeito uma obrigação de gozar, transformando o prazer em dever. Assim, o discurso neoliberal, que se apresenta como libertário e plural, carrega em si uma nova forma de coerção.

O comando de "ser livre", "realizar-se" e "aproveitar todas as possibilidades" converte-se em uma forma de sujeição psíquica, mais sutil e mais eficaz do que as antigas proibições. Diante disso, o sujeito deixa de ser coagido externamente e passa a se cobrar internamente, movido pelo imperativo de desempenho e pela culpa de não gozar o suficiente. A culpa se intensifica à medida em que o sujeito se percebe como único e responsável pela sua felicidade e fracasso.

No contexto neoliberal, essa estrutura psíquica é amplificada. O discurso do capital, como define Lacan (1969-1970/1992), transforma o sujeito em objeto de consumo e o desejo em mercadoria. A ausência de um significante-mestre que organize

o campo simbólico é preenchida pela ideologia da performance e da otimização de si, que promete liberdade, mas produz autoexploração.

Esse processo se materializa nas redes sociais, que funcionam como máquinas de captura do desejo. Cada curtida, comentário ou compartilhamento serve como reforço simbólico e, ao mesmo tempo, como dado econômico. O sujeito passa a investir em sua própria imagem, transformando-se em mercadoria. As plataformas digitais exploram essa estrutura psíquica; quanto mais o sujeito busca reconhecimento, mais se submete à lógica algorítmica que o regula e o mantém preso ao circuito do gozo.

Como apontado por Zuboff (2019), o capitalismo de vigilância, através de algoritmos usados para prever e modificar o comportamento humano, se apoia precisamente na captura e na modulação dos comportamentos, transformando o desejo e a atenção em recursos econômicos. As redes sociais são o instrumento privilegiado de uma nova forma de poder, que opera não pela repressão, mas pela indução de condutas desejantes. O sujeito não é coagido externamente, mas persuadido internamente, em um regime constante de exposição e comparação.

Bauman (2008) aponta que o consumo tornou-se a principal forma de participação na vida pública e que a identidade passa a ser construída a partir daquilo que se exibe e se adquire. Nas redes, essa lógica se radicaliza, pois o consumo não se limita a objetos materiais, mas inclui o consumo de imagens, estilos de vida e afetos. O "*like*" torna-se a nova moeda simbólica de reconhecimento, e a visibilidade, o novo critério de valor subjetivo.

Dessa forma, o neoliberalismo utiliza as redes sociais como seu principal meio de propagação simbólica: elas produzem o sujeito desejante, capturam sua atenção e o mantêm em um ciclo de desejo insaciável e autovigilância. A alienação do desejo, nesse contexto, é tanto econômica quanto psíquica, é o preço da promessa de liberdade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o neoliberalismo se configura como uma racionalidade que ultrapassa o campo econômico, penetrando nas formas de subjetivação, nas relações sociais e na própria experiência do desejo. A lógica de mercado, ao se infiltrar nas estruturas simbólicas e afetivas dos sujeitos, transforma o ideal de liberdade em instrumento de controle e autogestão, deslocando o sofrimento coletivo para a esfera

individual, produzindo sujeitos marcados pela culpabilização e pela sensação de insuficiência

As redes sociais, como extensão desse sistema, tornam-se o palco privilegiado dessa dinâmica, na qual o sujeito se vê capturado por imagens e promessas de satisfação que, embora aparentem oferecer autonomia, apenas reforçam a alienação e a dependência de reconhecimento externo.

Assim, o mal-estar contemporâneo descrito por Freud (1930/2010) ressurge sob novas formas, o sujeito neoliberal é tomado pelo imperativo de performar, produzir e desejar incessantemente, encontrando-se aprisionado entre a ilusão de liberdade e a realidade de um controle cada vez mais sutil e eficaz.

A alienação não é apenas uma condição de subordinação simbólica, mas de um modo de funcionamento psíquico e social. O sujeito neoliberal é alienado porque acredita ser autônomo, não percebendo que o desejo foi colonizado pela estrutura do capital. Safatle (2016) enfatiza que não há emancipação possível sem enfrentar aquilo que em nós é falta e desamparo. Essa ideia é profundamente política, pois desafia a lógica neoliberal da autossuficiência e da positividade. Reconhecer a falta é afirmar a alteridade, é romper com a ilusão de que o sujeito pode se completar por meio do consumo ou da performance.

Portanto, pensar criticamente as implicações psíquicas e sociais do modo de produção neoliberal se faz urgente, principalmente se quisermos resgatar as formas de existência que (re)construam o desejo como potência criadora e não como engrenagem do consumo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tatiane de. Entre o Domínio e a Dominação de Si: Sujeição Psíquica no Neoliberalismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, 2025.

BAUMAN, Zygmunt. ***Vida para consumo:*** *a transformação das pessoas em mercadoria.* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. ***44 cartas do mundo líquido moderno***. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CARVALHO, Luis Fabricio Cirillo de; IRINEU, Bruna Andrade. ***Infodemia e capitalismo digital:*** *circulação comunicacional e as Big Techs no neoliberalismo*. SciELO Preprints, [S. l.], 26 set. 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13347. Acesso em: 11 nov. 2025.

COLTRI, Flavia. O brasileiro está dormindo cada vez menos e isso não é bom. ***Jornal da USP – Campus Ribeirão Preto***, Ribeirão Preto, 13 abr. 2020. Disponível em: https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/o-brasileiro-esta-dormindo-cada-vez-menos-e-isso-nao-e-bom/. Acesso em: 11 nov. 2025.

CORDEIRO, Naiana Moura Lopes; BASTOS, Angélica. O supereu: imperativo de gozo e voz. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 439–457, 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v43n2/v43n2a11.pdf. Acesso em: 9 nov. 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. ***A nova razão do mundo*****:** *ensaio sobre a sociedade neolibera*l. São Paulo: Boitempo. 2016.

DUNKER, Christian. ***Mal-estar, sofrimento e sintoma:*** *uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.

FOUCAULT, Michel. ***Nascimento da biopolítica:*** *curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. ***O mal-estar na civilização*** **(1930/2010)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In*: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1905/1972.

HAIDT, Jonathan. ***A geração ansiosa.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HAN, Byung - Chul. ***Psicopolítica:*** *o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HARVEY, David. ***Uma breve história do neoliberalismo.*** São Paulo: Loyola, 2008.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. ***Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan:*** *As bases conceituais.* v. 1, Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

KEMP, Simon. **Digital 2023:** Global Overview Report. DataReportal, 26 jan. 2023. Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report. Acesso em: 11 nov. 2025.

LACAN, Jacques. ***Écrits:*** *a seleção*. Tradução de Bruce Fink. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. (Original publicado em 1966).

LACAN, Jacques. (1959-1960/1988). ***O seminário, livro 7:*** *a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, Jacques. ***O seminário, livro 11:*** *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (1969–1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. ***O Seminário, livro 20:*** *Mais, ainda* (1972–1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. ***O Seminário, livro 22***, R.S.I. Inédito, 1975.

LAZZARATO, Maurizio. ***O governo do homem endividado.*** São Paulo: n-1 Edições, 2014.

LEANDRO SILVA, Mardem; TEODORO, Elizabeth Fátima; COUTO, Daniela Paula do. Psicanálise e Redes Sociais: as dinâmicas de captura virtual do desejo e digitalização da subjetividade nas cenas do semiocapitalismo. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas,** Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 422–442, 2024. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/32678. Acesso em: 6 out. 2025.

O DILEMA DAS REDES. Direção: Jeff Orlowski. Vale do Silício: Agent Pictures, 2020. 1 documentário (94 min.)

ROSE, Nikolas. ***Inventando nossos selfs:*** *psicologia, poder e subjetividade.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SAFATLE, Vladimir; JÚNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (*Orgs.*). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.* 1 ed. 6. rei p. Belo Horizonte. Autêntica, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. ***Em defesa das causas perdidas.*** São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

ZUBOFF, Shoshana. ***A era do capitalismo de vigilância.*** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

Autor: Mariana Toesca Araujo

Autor: Mariana Silva Couto

Autor: Diego Ribeiro Morais

[1] Acadêmica da Unipar

[2] Acadêmica da Unipar

[3] Acadêmico da Unipar

[4] Docente da Unipar